

11. RODA DE CONVERSA “EDUCAÇÃO E ARTE”

Dermeval Saviani/UNICAMP

Agradecendo o convite para participar desta roda de conversa, penso ser de interesse apresentar, à guisa de abertura, o conceito clássico de arte. Com efeito, como vocês sabem, a pedagogia histórico-crítica entende que os clássicos se constituem numa referência fundamental para se construir os currículos das escolas. E também sabe-se que, para a pedagogia histórico-crítica, a função da escola basicamente é permitir o acesso aos conhecimentos sistematizados nas suas três grandes vertentes: filosofia, as ciências e as artes. Retomo, então, a análise que fiz em diferentes oportunidades sobre o conceito de clássico.

O termo “clássico” é utilizado com diferentes acepções. Derivado da palavra “classe”, significou inicialmente “de primeira ordem”, “de primeira classe”, remontando sua origem ao século VI a.C. no governo do Rei Sêrvio Túlio (578-535). Mas já no século II d.C. o gramático latino Aulo Gêlio passou a designar como “clássico” o escritor que, pela correção da linguagem, se constituía em autor de primeira ordem, o assim denominado “escritor clássico”, na expressão latina, *classicus scriptor*. A partir daí, “clássico” assumiu o significado de referência para os demais, algo que corresponde às regras, que se aproxima da perfeição, que é sóbrio e sem rebuscamentos, que é exemplar. E dessa conceituação derivou o sentido de “clássico” como o que é usado nas classes de ensino, isto é, nas escolas, nas salas de aula.

Vê-se, então, que o termo “clássico” não coincide com o tradicional e também não se opõe ao moderno. A tendência

a considerar o conceito de “clássico” como sinônimo de tradicional, de algo antigo, tem a ver, provavelmente, com o fato de que a época histórica considerada propriamente como clássica é a Antiguidade greco-romana. No entanto, tradicional é o que se refere ao passado, sendo frequentemente associado ao arcaico, a algo ultrapassado, o que leva à rejeição da pedagogia tradicional, reconhecendo-se a validade de algumas das críticas que a Escola Nova formulou a essa pedagogia. Moderno, por sua vez, deriva da expressão latina “modus hodiernus”, isto é, “ao modo de hoje”. Refere-se, pois, ao momento presente, àquilo que é atual, sendo associado a algo avançado. Em contrapartida, clássico é aquilo que resistiu ao tempo, tendo uma validade que extrapola o momento em que foi formulado. Define-se, pois, pelas noções de permanência e referência. Uma vez que, mesmo nascendo em determinadas conjunturas históricas, o clássico capta questões nucleares que dizem respeito à própria identidade do homem como um ser que se desenvolve historicamente, permanecendo como referência para as gerações seguintes que se empenham em apropriar-se das objetivações humanas produzidas ao longo do tempo.

Está aí a razão pela qual a Antiguidade greco-romana é considerada a época clássica por excelência, já que as grandes questões que envolvem a identidade do ser humano foram ali formuladas com alto grau de elaboração, o que faz com que essa época permaneça como referência constante para os períodos posteriores. Mas isso não significa que as outras épocas não tenham também os seus clássicos. Em verdade, se a ideia de clássico se reporta aos grandes autores e às grandes obras que souberam captar magistralmente a problemática da época em que foram produzidas alçando suas especificidades ao plano da universalidade, podemos concluir

que todas as épocas, de modo especial aquelas que se situam em planos ascensionais do desenvolvimento histórico, geram os próprios clássicos. Estes, por sua vez, podem ser localizados no âmbito dos povos ou países, assim como nas áreas do conhecimento.

Assim, se Grécia e Roma tiveram, por exemplo, no campo da literatura, os seus clássicos como Homero e Virgílio, a Itália teve Dante, a Inglaterra, Shakespeare, a Espanha teve Cervantes, a Alemanha, Goethe, a Rússia, Dostoievski e Portugal teve Camões. E o Brasil também não deixa de ter seus clássicos como Machado de Assis.

Igualmente nós podemos identificar os clássicos tendo por referência as áreas do conhecimento. Assim temos, desde a Antiguidade, os clássicos da Filosofia e dos vários ramos científicos tanto no âmbito das ciências da natureza como nas ciências humanas.

Em alguns contextos a ideia de clássico assume uma conotação específica configurando uma espécie de sentido estrito (*stricto sensu*), distinto do sentido lato (*lato sensu*). É o caso da música na qual a galeria dos clássicos em sentido amplo ostenta nomes como Vivaldi, Bach, Mozart, Beethoven, Chopin e Tchaikovsky. No entanto, na história da música Vivaldi e Bach, juntamente com Monteverdi e Corelli se inserem no período barroco; Mozart e Beethoven, ao lado de Haydn integram o período clássico no sentido estrito; e Chopin e Tchaikovsky em companhia de Liszt e Brahms formam o período romântico.

Enfim, a educação também tem seus grandes autores, o que nos permite falar nos clássicos da pedagogia. Na Grécia pode-se destacar Homero, considerado o educador da Grécia, e Sócrates; em Roma, Quintiliano; na Idade Média Alcuíno, Abelardo; e, a partir da época moderna, Comenio, Rousseau,

Condorcet, Pestalozzi, Dewey, Montessori, Pistrak, Makarenko, Wallon, Freinet entre outros.

Do mesmo modo, podemos identificar os clássicos da pedagogia no Brasil, desde Anchieta passando por Azeredo Coutinho e chegando a Alceu Amoroso Lima, Leonel Franca, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Paulo Freire.

A formação do educador, de modo geral, e em particular a formação do pedagogo por certo não poderão prescindir do estudo dos clássicos da pedagogia. Já podemos perceber aí a importância da noção de clássico para a educação. Mas são diversas as formas que ressaltam a importância da noção de clássico para a pedagogia. Sumariamente assinalo as seguintes:

Primeira forma: o clássico fornece, para a realização do trabalho pedagógico, os grandes autores, os grandes textos e os grandes temas que condensam enormes possibilidades de formação das novas gerações.

Segunda forma: em decorrência, o clássico fornece, também, o critério para a montagem dos currículos escolares permitindo distinguir entre as atividades nucleares da escola, que compõem o currículo propriamente dito e as atividades extracurriculares que, pelo seu caráter de elementos auxiliares do processo formativo só podem ser admitidas na medida em que contribuam para enriquecer as atividades nucleares da escola. Considerando que a finalidade da escola é o acesso ao saber elaborado, que se expressa por escrito, e levando em conta que é a partir dos fins a atingir que se deve elaborar o conteúdo e os métodos de ensino, o saber elaborado é a referência clássica para a organização do currículo escolar. Eis porque o componente clássico elementar do currículo escolar é a língua materna (no caso do Brasil, o português) em sua

codificação escrita; os outros componentes são: a matemática, ou linguagem dos números; as ciências da natureza que, no ensino fundamental assumem a forma de “ciências naturais” e, no ensino médio se constituem nas disciplinas de biologia, física e química; e as ciências da sociedade tratadas, no ensino fundamental, como história e geografia às quais se acrescentam, no ensino médio, a filosofia, sociologia e psicologia podendo, em determinadas circunstâncias, sofrer novos desdobramentos contemplando-se outras disciplinas como antropologia e economia. Considerando, além desse aspecto que se refere à educação intelectual, o aspecto do desenvolvimento corporal e emocional, o currículo propriamente dito em sua referência clássica envolve, além dos mencionados estudos da língua escrita, da matemática e das ciências da natureza e da sociedade, a educação física e a educação artística.

Terceira forma: o clássico fornece um critério para se distinguir, na educação, o que é principal do que é secundário; o essencial, do acessório; o que é duradouro do que é efêmero; o que indica tendências estruturais daquilo que se reduz à esfera conjuntural. Por esse caminho nós podemos libertar a pedagogia e os pedagogos da quase irresistível atração pelas novidades, o que os torna presas fáceis de modismos e de propostas enganosas que surgem e se difundem com a aparência de grandes achados, mas que logo se desfazem como cortinas de fumaça sendo substituídas por novas ondas para onde os pedagogos passarão a flutuar.

Quarta forma: finalmente, o clássico fornece a referência para a organização do conjunto da educação como um sistema com níveis e modalidades de ensino articulados e dispostos no espaço e tempo, constituindo um ambiente estimulante, rico das mais significativas objetivações humanas

produzidas historicamente, cuja apropriação pelos educandos lhes propiciará uma formação plena convertendo-os em cidadãos capazes de exercer em plenitude os direitos e deveres próprios da vida em sociedade.

Penso, pois, que o conceito de “clássico” se constitui numa referência importante para a abordagem da relação entre educação e arte uma vez que, como indiquei brevemente, trata-se de um conceito chave tanto para o entendimento da especificidade da educação como das artes, o que illustrei basicamente com os casos da literatura e da música, mas que cabe também para as demais modalidades de arte.

Por fim, observo que se essa referência ao conceito de clássico põe em evidência a importância do acesso às grandes obras historicamente produzidas pela humanidade, isto não significa desconsiderar as denominadas “artes populares”. Com efeito, como observei ao final do capítulo do livro *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações* no qual tratei da “natureza e especificidade da educação”, o acesso à cultura erudita propiciado pela escola possibilita a apropriação de novas formas por meio das quais se podem expressar os próprios conteúdos do saber popular. Cabe, pois, não perder de vista o caráter derivado da cultura erudita em reação à cultura popular, cuja primazia não é destronada Sendo uma determinação que se acrescenta, a restrição do acesso à cultura erudita conferirá àqueles que dela se apropriam uma situação de privilégio, uma vez que o aspecto popular não lhes é estranho A recíproca, porém, não é verdadeira: os membros da população marginados da cultura letrada e das artes clássicas tenderão a encará-las como uma potência estranha que os desarma e domina.

São essas as considerações que achei pertinente apresentar nessa abertura desta nossa **Conversa sobre Educação e Arte**. Muito obrigado.